



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

EXPEDITO SULIANO LIMA FILHO

**POSSIBILIDADES DE IMPLANTAÇÃO DO SISTEMA INTEGRADO DE
PRODUÇÃO NO OESTE BAIANO: O CASO DA AVICULTURA**

SALVADOR

1998

EXPEDITO SULIANO LIMA FILHO

**POSSIBILIDADES DE IMPLANTAÇÃO DO SISTEMA INTEGRADO DE
PRODUÇÃO NO OESTE BAIANO: O CASO DA AVICULTURA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Economia da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel em Economia.

Orientador: Prof. Guilherme Furtado Lopes

SALVADOR

1998

EXPEDITO SULIANO LIMA FILHO

Expedito Suliano Lima Filho

Possibilidades de implantação do sistema integrado de produção no oeste baiano: o caso da avicultura.

Aprovada em janeiro de 1999

Orientador: _____

Prof. Guilherme Furtado Lopes
Faculdade de Economia da UFBA

Prof. Paulo Raimundo Brito
Faculdade de Economia da UFBA

Prof. Luiz Alberto Bastos Petitinga
Faculdade de Economia da UFBA

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo tentar averiguar a possibilidade de implantação do Sistema integrado de produção no oeste baiano, tomando-se por estudo de caso a avicultura. A integração é uma forma de parceria: por um lado uma agroindústria, produtora de soja e milho, insumos principais no custo de produção da avicultura; por outro, produtores rurais que se dispõem a criar e engordar aves, mediante o fornecimento de pintos de um dia, rações, assistência técnica, transporte de insumos e produtos (aves) por parte da agroindústria. Ele parte da caracterização do sistema integrado, enumerando suas vantagens tanto para a empresa quanto para os produtores rurais, motivos que induzem a tal parceria, além de tentar evidenciar o funcionamento do sistema de comercialização agrícola, que extrai grande parte do excedente dos produtores, mostrando que a parceria entre produtores rurais e agroindústria pode significar uma modificação da situação vigente. Faz-se um histórico a respeito da região oeste baiana, revelando suas características humanas e físicas, produção de grãos, etc.; caracterização sobre a avicultura do estado, relacionando seus problemas, situação de mercado, produção, além de tomar como parâmetro o exemplo adotado pelo oeste do estado de Santa Catarina, onde há o pioneirismo na implantação do modelo de integração. A metodologia está baseada na análise de dados secundários, oriundos de livros, revista especializadas e jornais. A conclusão do trabalho monográfico indica que existe a possibilidade de ser viável economicamente a integração entre agroindústria e produtores rurais, no oeste da Bahia, visando a produção de frangos, desde que sejam minimizados os custos infra-estruturais, no que tange a energia, telefonia, armazenamento, estradas, que já estão sendo melhoradas pelo Programa de Corredores Rodoviários do governo estadual, além da necessidade de se promover o interesse pela região por parte dos agentes econômicos. Espera-se que, com a instalação da hidrovía do rio São Francisco, possa haver uma exploração racional das potencialidades locais com um desenvolvimento sustentado da região.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO / 05

2 CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMA INTEGRADO DE PRODUÇÃO / 06

2.1 O SISTEMA DE COMERCIALIZAÇÃO AGRÍCOLA / 08

2.2 DEFINIÇÃO DE COMPLEXO RURAL / 09

2.3 AGREGAÇÃO DE VALOR À PRODUÇÃO PECUÁRIA / 10

2.4 DEFINIÇÃO DE INTEGRAÇÃO / 13

2.5 MOTIVOS PARA A INTEGRAÇÃO VERTICAL / 14

2.6 GANHOS DA INTEGRAÇÃO VERTICAL / 14

3 CARACTERÍSTICAS DA REGIÃO OESTE DA BAHIA / 16

3.1 BASE PRODUTIVA / 19

3.2 PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL / 23

3.3 AGRICULTURA GRANÍFERA / 27

3.4 AGRICULTURA IRRIGADA / 27

3.5 AGROINDÚSTRIA / 28

4 A AVICULTURA NO BRASIL / 30

4.1 O MODELO CATARINENSE / 32

4.2 UM HISTÓRICO DA AGROINDÚSTRIA NO OESTE DE SANTA CATARINA / 33

4.3 A INTER-RELAÇÃO DE SUÍNOS E AVES COM O COMPLEXO AGROINDUSTRIAL /
35

4.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A AVICULTURA BAIANA / 36

4.5 PRODUÇÃO / 37

4.6 COMERCIALIZAÇÃO / 38

4.7 CONDIÇÕES SANITÁRIAS / 39

5 CONCLUSÃO / 41

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / 44

1 INTRODUÇÃO

A presente Monografia tem por finalidade identificar algumas características do sistema integrado de produção, bem como relacioná-lo à avicultura baiana. Tenta-se fazer uma caracterização a respeito do processo de integração, aspectos sobre a região oeste baiana, situação da avicultura local, a fim de inferir se a região reúne condições infra-estruturais à implantação do sistema integrado. Parte do princípio do sucesso alcançado no oeste catarinense, onde a produção de frangos de corte alcançou níveis de competição internacional. Supõe-se, também, que pode haver uma adaptação à produção local, com perspectivas de chegar-se a uma boa aceitação por parte dos produtores rurais na região do oeste baiano, onde já se faz presente a agroindústria processadora de milho e soja, ingredientes básicos no custo de produção. Contudo, deve-se levar em consideração as características regionais para implantação de tal sistema. É fundamental averiguar se pode haver uma participação ativa de pequenos produtores familiares, de modo a garantir-lhes renda rural.

No capítulo 2 aborda-se o conceito de sistema integrado de produção, enfocando algumas vantagens para os diversos setores envolvidos. Tenta-se evidenciar o funcionamento do sistema de comercialização agrícola, mostrando a necessidade de garantir ao produtor rural uma melhor remuneração à sua produção.

Define-se o que é complexo rural, e como este pode criar condições mais favoráveis ao produtor rural no que tange a um melhor e maior aproveitamento de sua produção.

No capítulo 3 encontra-se um histórico a respeito da região oeste baiana, enfocando os aspectos infra-estruturais, sócio-econômicos, etc. Tenta-se verificar se existem condições favoráveis que possibilitem a implantação do sistema integrado de produção, devido à região possuir produtividade crescente nas culturas de milho e soja, principais ingredientes no custo da ração para aves.

No quarto capítulo faz-se considerações sobre a produção e consumo de frangos no Brasil, destacando a experiência catarinense com a produção integrada, bem como é feita uma análise sobre a situação atual da avicultura baiana, seu efetivo e problemas que enfrenta.

2 CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMA INTEGRADO DE PRODUÇÃO.

O Sistema integrado de aves funciona nos Estados Unidos desde 1940 e espalhou-se por vários países da Europa. Cerca de 90 a 95% da produção de frangos de corte provém da integração. No Brasil, o Estado de Santa Catarina foi o pioneiro através do sistema integrado de aves e suínos por intermédio da Sadia Concórdia S/A, em 1960, congregando pequenos produtores rurais. Trata-se de uma forma de organização e estabelecimento de equilíbrio entre os setores de produção, industrialização e comercialização. A coordenação do sistema deve identificar os produtores agrícolas, interligá-los com os demais componentes em que cada uma das partes ao assumir suas responsabilidades específicas, tem como contrapartida o atendimento de seus interesses, mantendo sua individualidade econômica. A partir daí, a propriedade agrícola e sua mão-de-obra poderão ser melhor aproveitados ao desenvolver atividades em dimensionamento adequado, com o recebimento de tecnologia atualizada, material genético de alto potencial, insumos qualificados a preços mais acessíveis para produzir matéria-prima padronizada a custo reduzido e de colocação garantida. A coordenação do sistema, que faz uso racional de sua infra-estrutura administrativa, técnica, comercial, econômica e financeira deverá ter assegurada uma matéria-prima permanente de melhor qualidade, com maior rendimento para industrialização e abastecimento do mercado consumidor a preço mais competitivo. É fundamental o controle de custos de todos os setores, visando uma melhor distribuição desde a produção até a comercialização do produto final.

A integração origina-se a partir de uma agroindústria, que, necessitando de matéria-prima, tende a criar e assegurar mercado para os produtores rurais. A seguir, algumas vantagens do sistema integrado para os diversos setores. Na produção: assistência técnica permanentemente atualizada; rações de alto valor nutritivo; utilização racional de crédito; maior produtividade; redução de custos nas transações e maior rentabilidade; garantia de comercialização. Para o setor da indústria: abastecimento de matéria-prima qualificada de forma constante e de maior rendimento industrial;

redução de custos comerciais nas operações de abate e elaboração da matéria-prima; redução do espaço, do tempo e de capital de giro necessários para estocagem de animais vivos no período imediatamente anterior ao abate; aproveitamento integral e diversificado dos subprodutos. Para o setor de abastecimento: presença permanente no mercado com produto padronizado; maior possibilidade de promoção para o aumento da demanda do produto final, com perspectivas de ingresso no mercado internacional; divisão de riscos e valorização do produto. Para o produtor rural, não é necessária uma grande captação de recursos para custeio; maior possibilidade em suportar eventuais baixas de preços do produto pela venda dos subprodutos (esterco e chorume destinados à alimentação bovina e adubação); conseguir mercados alternativos, dado o maior poder de integração em momentos de baixa de preços. Cabe ao produtor rural (integrado): implantar todas as instalações necessárias à produção pretendida em sua unidade produtiva; vender toda a produção contratada ao integrador; seguir toda a orientação técnica ao bom desempenho da unidade produtiva. O sistema integrado possibilita transferir a concorrência do campo para o mercado, estabelecendo no meio rural uma zona de troca de informações técnicas, na qual o fornecedor agropecuário tem apoio tecnológico e garantia de mercado à sua produção.

A avicultura caracteriza-se por possuir fortes relações intersetoriais e por uma utilização crescente de insumos de origem industrial. Necessita de assistência técnica, reprodutores, insumos biológicos e químicos, indústrias de máquinas e equipamentos, etc. Como a alimentação das aves deve ser rica em energia, proteínas, vitaminas e minerais, há demanda de uma estrutura bem desenvolvida de produção de grãos, de concentrados protéicos e rações. Faz-se necessário o emprego direto de um grande número de pessoas, principalmente no complexo da soja e de rações, ocasionando grande importância ao Complexo agroindustrial de aves.

É importante que haja uma boa articulação das pequenas propriedades familiares com atividades de alta densidade econômica, ocasionando a manutenção das pessoas no meio rural, além de promover investimentos em eletrificação rural, telefonia, saúde, educação e lazer. Algumas condições à implantação do sistema integrado na

avicultura devem ser seguidas, com o objetivo de garantir a autonomia dos pequenos produtores em relação a outras atividades a serem mantidas e que assegurem um rendimento constante ao longo do ano. Supõe-se que, em certa medida, o complexo agroindustrial deva fornecer uma modernização de todas as partes envolvidas.

2.1 O SISTEMA DE COMERCIALIZAÇÃO AGRÍCOLA

Existe entre a produção e o mercado uma cadeia de serviços que tem por objetivo colocar o produto agrícola na forma, tempo e local em que o consumidor precisa. Em outras palavras, o produto quando chega ao consumidor final apresenta serviços adicionados durante todo processo.

A função utilidade é usada como conceito básico para explicar o processo de adição de serviços de mercado. É definida como sendo a habilidade de bens e serviços em satisfazer necessidades físicas ou psicológicas, com intuito de proporcionar satisfação ao ser humano. Na busca de obter satisfação, os consumidores estão dispostos a pagar para deter a posse ou usufruir destes bens ou serviços. Os conceitos de utilidade e satisfação são aplicados na explicação do preço de mercado, sendo que a partir da função de utilidade e da renda disponível é que se deriva a curva de demanda do consumidor. (Ferguson,1992).

Existem quatro tipos de transformações ocorridas durante o processo de comercialização: são alterações de posse, forma, tempo e espaço. Alterações de posse significam a transferência de propriedade do produto entre os agentes que operam entre a produção e o consumo final. Já as alterações de forma correspondem à atividade onde existe a utilização de recursos produtivos, visando transformar o produto agrícola da sua forma inicial (bruta) em produto processado, com condições de ser consumido, resultando numa satisfação ao consumidor.

Como a produção agrícola é sazonal, ou seja, em épocas definidas, existem as alterações temporais; contudo, a produção deve ser consumida durante o restante do ano, fazendo com que haja a necessidade de armazenamento para estocagem e conservação do produto para o consumo fora do tempo de safra.

A mercadoria passa por diversos mercados desde que é produzida até o consumidor final. No mercado atacadista há as transações de maior volume, e a mercadoria é destinada ao varejista, sendo composta pelos intermediários e alguns produtores. Os atacadistas são especializados em um único ou num reduzido número de produtos, permitindo um maior controle sobre informações relativas a eles. O varejo é o mercado mais próximo ao consumidor. Dispõe de uma grande variedade de produtos, que são vendidos em quantidades inferiores às do mercado atacadista.

2.2 DEFINIÇÃO DE COMPLEXO RURAL

A agricultura brasileira passou por uma dinâmica ao longo do tempo. O complexo rural cede lugar ao complexo agroindustrial, ou seja, a substituição da economia natural por atividades integradas à indústria, as relações intersetoriais passam a sofrer um processo de intensificação e a produção agrícola torna-se mais especializada. Com a introdução de máquinas, importação de tratores, de insumos químicos, a exemplo de defensivos e fertilizantes, tem-se a modernização da agricultura na base técnica da produção agropecuária, com intuito de aumento da produtividade.

O conceito de agricultura era utilizado sem muitos critérios para uma agricultura de subsistência. Para Lauschner, o termo agribusiness é um conceito de uma agricultura de subsistência aplicado a uma economia desenvolvida. Caracteriza-se por expressar todo conjunto de operações de um agricultor de subsistência que é realizado por vários setores especializados. “Complexo rural é o conjunto de todas as operações que abarcam a produção e distribuição dos insumos rurais; as explorações a nível da exploração rural; e o armazenamento, processamento e distribuição dos produtos agrícolas e de seus subprodutos”. (Lauschner, 1993).

O complexo rural compõe-se de inúmeros setores autônomos, independentes e especializados, constituídos de: centros de pesquisa, assistência técnica/educacional, associações de agricultores, associações comerciais, setores de silos e armazéns, de beneficiamento e de industrialização. Cada um desses setores está direcionado em seus interesses podendo exercer maior ou menor Domínio sobre algum outro setor. Há então, um conjunto descentralizado tomando individualmente as decisões na área de produtos rurais.

2.3 AGREGAÇÃO DE VALOR À PRODUÇÃO PECUÁRIA

A produção de aves, suínos e leite, para alcançar grandes índices de produção, constitui verdadeira indústria de transformação de produtos lavoureiros, possibilitando aumentar o valor das vendas pela incorporação e combinação de muitos insumos, agregando mais valor e realizando maiores transformações. Os diversos tipos de lavouras, tais como: pastos verdes, grãos, tubérculos, que apresentam pouca densidade econômica, ou seja pesam muito e valem pouco podem ser transformados em produto nobre e de muito valor, como a carne e o leite, tanto pela ave, quanto pelo porco. A produção pecuária é o produto economicamente denso frente a qualquer lavoura em virtude de ser forma privilegiada de agregação de valor aos produtos lavoureiros.

Alguns produtos hortigranjeiros, como tomates, e as frutas são produzidos próximos aos centros consumidores devido à perecibilidade, grande peso e pouco valor. Quando são industrializados, os produtos podem ser produzidos em regiões mais adequadas, distantes dos mercados consumidores por causa da eliminação da perecibilidade ou pouca densidade econômica, fator principal de localização, possibilitando a valorização de toda a produção, reduzindo as perdas, além de permitir o comércio do produto com maior valor agregado.

A agroindústria pode funcionar como agente principal da ampliação tanto da produção agrícola quanto da pecuária. A agroindústria, diante de um mercado favorável, por intermédio de pesquisa, fornecimento de raças, assistência técnica, crédito orientado, cursos de capacitação, pode favorecer num prazo muito pequeno, a uma grande produção. Ela, normalmente, viabiliza e induz à expansão da produção. Tomando-se por exemplo uma agroindústria de frutas: ela procurará viabilizar uma utilização da capacidade instalada ao longo do ano, orientando o plantio de outros tipos de frutas e produtos que possam como matéria-prima diversificada da agroindústria. Pode também adotar tamanho mínimo e econômico de planta processadora para a qual não existe a matéria-prima suficiente, levando-a a ampliá-la. Algumas vezes, baseada simplesmente na produção potencial, há a instalação da agroindústria o que leva o setor rural a se adequar, a curto ou médio prazo, com a matéria-prima necessária.

Quando consegue diversificar os mercados finais e aprofunda a industrialização, a agroindústria aumenta a produção. Um exemplo disso é uma agroindústria de laticínios, que apresenta determinado mercado de consumo de leite pasteurizado, e está expandindo lentamente esse mercado, sendo que em outro momento, uma unidade processadora de leite em pó. Como consequência, o mercado de leite pasteurizado é mantido e o restante, transformado em mercado adicional, sendo atendido pela agroindústria que funciona como setor motriz do complexo rural.

A agroindústria reduz os custos de armazenamento e de transporte dos produtos do complexo rural. O volume do produto é reduzido na maioria das vezes pela agroindústria: quando é extraída a unidade dos produtos pelo fabrico de leite em pó, pó de frutas, desidratando alho, frutas, etc., aproveitando apenas a essência de certos produtos, a exemplo do açúcar e álcool da cana. A agroindústria pode tornar fácil o armazenamento de um produto, quando transforma um produto perecível em não perecível, como por exemplo a polpa de frutas que pode ser guardada durante muito tempo em tambores, ao ar livre, com custos reduzidos de armazenamento.

Ao se adquirir diretamente a matéria-prima e, posteriormente, colocar o produto final nas pequenas unidades de varejo faz com que haja uma redução nas margens de comercialização. Com a redução do número de transações e a aquisição direta dos produtos realizada pela agroindústria, de acordo seus interesses, há uma redução no custo das transações podendo melhorar o preço pago aos produtores, sem aumentar o preço aos consumidores. A agroindústria tende a maximizar a eficiência comercial, por intermédio de serviço de transporte e distribuição dos produtos rurais ao custo mínimo.

A agroindústria possibilita a redução do custo de transporte do produto porque diminui as oscilações entre a safra e a entressafra, pois em vez de vender o produto todo nos diminutos meses de safra, o industrializa e o vende, em alguns casos, durante todos os meses do ano.

A safra e entressafra de produtos lavoureiros perecíveis contribui como um dos fatores de alto custo de transporte e, conseqüentemente, da margem de comercialização. Os produtos pecuários que têm sua safra e entressafra devido a menor ou maior disponibilidade de alimentação animal em alguns meses do ano, a agroindústria passa a regular com intuito de eliminar em grande parte o tempo de safra. Uma agroindústria leiteira, por exemplo, com controlo dos tipos de pastos, sistemas de silagem e fenação, tempo de cobertura dos animais por meio de inseminação artificial, etc, mediante orientação e estímulo aos produtores, tende a garantir a mesma quantidade de leite da safra na entressafra; isto, também acontece com a produção de suínos e aves, possibilitando que o transporte não sofra grande escassez num determinado momento e ociosidade em outro, acarretando aumento de preço dos serviços, e, sim, uma regularização e adequação a todo tempo.

À proporção que a agroindústria desenvolve e aprofunda a industrialização utiliza formas de aproveitamento mais eficiente e diversificado do produto. Num dado momento em que produz óleo e farelo de soja, noutra pode utilizar dezenas de alternativas para industrialização do farelo de soja. Uma agroindústria de frutas tanto atende um mercado crescente de frutas “in natura” com produtos mais selecionados,

como tem condições de aumentar mais a industrialização por meio de processos de desidratação passar para o processo de produção de polpa, além de aproveitar todas as alternativas de industrialização possibilitadas pela polpa.

A agroindústria objetiva a diversificação dos produtos e dos mercados. Quando há uma diversificação de produtos finais, tem-se uma ampliação significativa do mercado consumidor. Alguns produtos podem ser orientados para o consumo de massa e outros para o consumo de elite ou para circunstâncias especiais. Uma indústria de carnes produz uma gama de variedades de produtos, sendo algumas destinadas ao mercado final, enquanto outras para matéria-prima, para utilização intermediária (rações, indústria farmacêutica, curtumes, produção de sabão, etc). Com a diversidade de produtos em constante mudança para vários mercados há uma intensificação da produção para mercados mais compensadores, ocasionando uma diminuição da oferta para mercados menos rentáveis o que proporciona uma oferta de melhor preço aos produtores. A agroindústria possibilita maior renda aos produtores rurais em virtude de modernizar e diminuir os custos em todas as etapas do complexo rural.

2.4 DEFINIÇÃO DE INTEGRAÇÃO

Na elaboração de qualquer bem, existem vários estágios de produção. São diferentes fases de processamento que ligam o produtor ao consumidor, proporcionando a troca da propriedade do produto. Essas fases são tecnologicamente separadas, ao passo que a integração funciona como o modo organizacional da produção.

Há dois tipos de integração: a) Integração horizontal, quando existe a combinação de duas ou mais empresas atuando no mesmo estágio do processo produtivo. E a integração vertical, que ocorre quando duas ou mais firmas colocadas sob a mesma organização atuam em estágios separados do mesmo processo produtivo. Pode ser denominada “para trás”, que ocorre quando uma firma localizada num estágio de produção passa a produzir

também matéria-prima ou outros insumos, e “para frente”, caracterizado pelo movimento para o estágio de produção subsequente.

Entre a agroindústria e o produtor rural pode haver distintas formas de contrato. Trata-se de um meio de coordenação de estágios consecutivos de produção, partindo da produção sujeita às leis de mercado, ou seja, quando a tomada de decisão de produção e determinação do preço seguem as leis de mercado ou ao contrato de integração, o qual inclui tanto a coordenação da produção quanto a coordenação administrativa dentro da empresa.

Integrar-se verticalmente significa a presença de contrato em que são fornecidos os insumos para produção, sendo esta controlada pelo integrador.

2.5 MOTIVOS PARA A INTEGRAÇÃO VERTICAL

Integração por falha de mercado - A empresa integradora passa a organizar-se competitivamente quando existem falhas de mercado responsáveis pelo aumento dos custos de transação. São denominados de custos “implícitos” e “explícitos”. Tratam-se de custos para se descobrir o preço de mercado, e os custos relacionados com a negociação para estabelecimento dos contratos.

Quando os custos da organização de uma transação extra dentro da empresa passam a ser iguais aos custos de realizá-la mediante uma troca no mercado, ou ainda aos custos de se formar outra firma, haverá o favorecimento da expansão e integração da empresa.

Os custos de transação do mercado serão mais altos quando os equipamentos requeridos forem altamente específicos, e nas transações existir um alto grau de incerteza envolvido. Se, dentro destas condições as transações se repetirem com frequência, tem-se um ambiente favorável ao surgimento da integração. A integração é como uma adaptação da empresa às peculiaridades do mercado em que ela atua.

2.6 GANHOS DA INTEGRAÇÃO VERTICAL

As empresas tendem a se integrar com objetivo de aumentar a sua eficiência econômica, que vai ocorrer em virtude da redução nos custos em razão de ganhos proporcionados pela economia de escala; evitar os custos associados ao mecanismo de preços de mercado; e possibilita à empresa absorver ganhos que seriam destinados a outros.

Na compra da produção agrícola tem-se a redução da concorrência na integração vertical, gerando ganhos monopolísticos em favor das empresas integradoras, porque os produtores quando se integram são direcionados a ficar fora dos mecanismos tradicionais de mercado, já que não dispõem de outras opções de vendas.

Para o produtor, a integração resulta em uma diminuição da incerteza em relação ao preço que o mesmo irá receber em troca de sua produção. Também possibilita uma elevação dos índices de produtividade técnica e econômica aos produtores rurais em virtude da integradora fornecer assistência técnica de qualidade pela necessidade de ter-se qualidade e homogeneidade na produção.

Há possibilidade de que os integradores tenham ganhos muito superiores em relação aos obtidos pelos integrados, sob a forma de menores oscilações de preços devido ao controle oligopolístico exercido no processo, e ocorrência de outros ganhos, a exemplo de homogeneidade de insumos, economia de escala, etc. Já os consumidores são beneficiados com menores preços do produto, enquanto que os produtores auferem melhores preços.

3 CARACTERÍSTICAS DA REGIÃO OESTE DA BAHIA

O oeste da Bahia possui uma área de 157.737 Km, compreendendo cerca de 22 municípios e apresentando uma população de 463.422 habitantes, pelo Censo de 1996, cerca de 3,7% da população baiana, sendo que permaneceu ao longo do tempo e por muitas décadas, apenas servindo como um espaço de baixa densidade demográfica e de características tipicamente rurais. Barreiras é o principal município, tendo uma população de 24,5% da região; seguido de Santa Maria da Vitória, com 9,1%; Correntina 6,4%; Santana 5,1%; e Santa Rita de Cássia 4,9%.

A Região esteve isolada em relação a outras regiões do país, apesar de encontrar-se inserida no curso navegável do Rio São Francisco e seus afluentes, sendo que durante o século XVIII houve a sua primeira ocupação, em virtude da pecuária extensiva, através dos rios São Francisco, Grande e Preto, quando passaram a surgir os primeiros povoados.

O rio São Francisco possibilitou a presença dos primeiros povoadores, que se instalaram na região, facilitando o escoamento do excedente gerado pela produção local., que abastecia o mercado interno. A ocupação econômica foi incentivada pela cultura da cana-de-açúcar e pela pecuária bovina extensiva, principalmente na área conhecida como Médio São Francisco. Atualmente a cultura canavieira é utilizada na fabricação da rapadura e aguardente, abastecedores dos mercados locais.

A pecuária bovina foi responsável pelo estímulo na formação de grandes áreas dedicadas às pastagens. Foi por meio da pecuária bovina que houve a complementação do consumo interno e possibilidade de geração de excedentes para abastecimento dos mercados de Pernambuco e Bahia (Feira de Santana). Economicamente, a pecuária destacou-se no cenário regional, impondo-se como principal fonte de renda, suplantando a atividade canavieira.

Outra atividade de destaque na região foi a cultura do algodão. Atualmente é cultivado em consórcio com o milho e a mamona, sendo exportado para o sul do país, via Pirapora, e para o norte, por intermédio dos municípios de Juazeiro-Petrolina.

O modelo de agricultura irrigada de subsistência foi desenvolvido ao longo dos cursos dos rios, ao passo que as grandes áreas destinadas às culturas de milho, feijão e arroz conseguiram absorver um contingente maior de mão-de-obra, sendo associadas à criação de gado.

Por causa do baixo nível tecnológico desenvolvido no sistema produtivo local e deficiência de infra-estrutura, a economia regional ficou muito tempo estagnada. Isto resultou numa base econômica frágil com uma pecuária extensiva, associada a uma cultura de subsistência e monocultura da cana-de-açúcar.

A região apresentava fluxos de comércio intra e inter-regional com pouca expressividade de dinamismo, além de ter baixo nível de renda e emprego, sendo que os produtos transformados na região, a exemplo de rapadura, cachaça e farinha tinham pequeno valor agregado.

Nas cidades havia a concentração e distribuição da produção agrícola excedente, que atendia a população municipal dispersa nas áreas rurais. Durante a década de sessenta, a cidade de Barreiras passa a apresentar relevância entre as demais, tornando-se um centro comercial, devido à sua localização.

Durante a segunda metade dos anos sessenta, com surgimento do programa federal de integração do território nacional, que possibilitou a construção de estradas interestaduais, o oeste da Bahia passou a receber mudanças significativas, devido à construção das BR-020/242 (Brasília-Barreiras-Ibotirama), e da BR-020/135 (Brasília-Barreiras-Piauí), que cortaram o espaço geográfico, passando a romper o isolamento regional e se constituindo, juntamente com a implantação de outras vias estaduais e municipais, no principal fator de mudança da região. Há, ainda, a intensificação dos

fluxos comerciais e de pessoas com Goiás e Brasília, estimulando inclusive a vinda dos primeiros investidores de fora da região para o oeste.

A construção da Hidrelétrica de Correntina, juntamente com a instalação do 4º Batalhão de Engenharia e Construção do Ministério do Exército, que possibilitou a abertura da BR-242, permitiram a migração de um grande contingente populacional para a região, principalmente no município de Barreiras. Há também a instalação da CODEVASF (Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco), imbuída na implantação de projetos de colonização e irrigação do Vale do São Francisco.

Com a implantação das principais rodovias federais que cortam a região, houve uma maior integração ao processo de ocupação do Brasil Central, possibilitando a ampliação das relações inter-regionais, fazendo com que vários empresários oriundos da zona cacaueira do sul da Bahia, de Minas Gerais, de Pernambuco e de estados do sul do país, interessassem pela terra de baixo custo, além de que havia oferta de crédito subsidiado e incentivos fiscais dados pelo governo.

Durante a metade da década de oitenta, devido à ampliação da rede viária, tem-se uma nova fase de transição regional. Houve uma maior proximidade entre a região e os grandes centros urbanos de produção e de consumo do país, constituindo, dessa forma, numa valorização considerada de suas terras.

Os modelos tradicionais das culturas subsistência são substituídos por atividades produtivas mais dinâmicas. Sendo que, entre essas atividades mais modernas, que são caracterizadas pela necessidade de níveis superiores de tecnologia e por serem destinadas às transações mercantis, são exemplos: a pecuária bovina, baseada em pastos cultivados e manejo mais racional dos rebanhos; os reflorestamentos apoiados por incentivos fiscais; a criação e implantação de projetos agroindustriais e o início do cultivo da soja na área dos cerrados.

Apesar da instalação de atividades mais dinâmicas na região, não houve alteração muito acentuada no aspecto produtivo, uma vez que a ocupação da região oeste ainda era feita

com base na especulação de terras. O fator terra, além de água abundante, os incentivos fiscais e financeiros oferecidos pelo governo em condições favoráveis e a aproximação da região com o resto do país transformaram o oeste de área de fronteira agrícola para território, na qual a terra passou a ser vista como um bem de reserva de valor. Investimentos públicos nas áreas de educação, saúde, saneamento foram implantados e o perfil sócio-econômico regional foi gradativamente alterado.

A estrutura fundiária da região foi modificada, a partir da absorção de antigos latifúndios e minifúndios, principalmente os que apresentavam significativa posição diante da disponibilidade de fatores produtivos, ocasionando o aparecimento de um novo tipo de propriedade agrícola, destinada às culturas em grande escala. Isto provocou uma forte pressão em relação à demanda da terra, fazendo com que houvesse por parte do governo a necessidade da regularização da estrutura fundiária na região. Convém afirmar que, os municípios do oeste baiano mantiveram suas características rurais até metade dos anos setenta, e os núcleos urbanos de maior envergadura não apresentaram infra-estrutura básica em proporções adequadas para o atendimento das novas demandas.

O município de Barreiras destacava-se das demais cidades, tornando-se o principal centro de desenvolvimento local, sendo considerada como centro estratégico, constituindo-se na principal entrada do capital dinâmico, além de se consolidar como pólo de articulação intra e inter-regional, em relação ao estado e ao país.

Entre as décadas de sessenta e oitenta, a população urbana da região passou de 20%, em 1970, para 30%, em 1980, localizando-se principalmente nos municípios de Barreiras, Bom Jesus da Lapa e Santa Maria da Vitória.

No final dos anos setenta, devido à produção de soja, a região passou por um processo de urbanização, o que resultou numa série de transformações, fazendo com que houvesse a instalação de infra-estrutura básica de serviços objetivando o atendimento às novas demandas

A construção da ponte sobre o rio São Francisco, em Ibotirama, no ano de 1985, pôde resultar numa maior integração entre o oeste e outras regiões, proporcionando um aumento dos fluxos de comércio serviços e população entre a região e as cidades de Brasília e Salvador, além de possibilitar o fortalecimento da economia regional.

3.1 BASE PRODUTIVA

Houve alguns fatores de estímulo à ocupação, tais como: grandes extensões de terras, com preços baixos; o fator ambiental favorável em se tratando de clima, solo, etc. Existia também, crédito subsidiado e incentivos fiscais, que atraíam o capital privado para a região.

A redução dos custos de investimentos, sobretudo do capital imobilizado, veio possibilitar a diminuição do custo de produção na área. Entretanto, o baixo preço da terra ocasionou a acumulação de estoques fundiários nas áreas. Com isso, houve um excedente de compras de terra, resultando num processo intenso de especulação, ao passo que havia a expansão da ocupação regional.

A oferta de trabalhadores é significativa, o que permite aos empresários locais absorver parcelas excedentes de mão-de-obra, ocasionando, dessa forma, um baixo custo desse fator, fazendo com que não haja um peso substancial no custo total de produção de grãos.

A fase de dinamismo na ocupação do oeste foi provocada sobretudo por grupos empresariais oriundos do sul-sudeste do país, notadamente dos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além de cooperativas de grande porte que passaram a difundir relações sociais, técnicas de produção e de circulação baseadas no enfoque capitalista de produção, fazendo com que todo o quadro sócio-econômico local fosse alterado, principalmente, nos fins dos anos setenta, início e meados dos anos oitenta.

Esse novo processo de ocupação dos cerrados baianos foi baseado, principalmente, na produção comercial, sendo possível devido grandes investimentos originários do setor privado que apresentavam padrões tecnológicos e organizacionais inteiramente novos para a região, difundindo o uso de modernos insumos agrícolas e irrigação, resultando numa imensa utilização de capital e tecnologia, com baixo uso de mão-de-obra permanente e redução progressiva de trabalho temporário, na proporção em que avançava a mecanização das lavouras.

A produção dos cerrados baseia-se sobretudo nos cultivos de arroz, milho e soja. A cultura que mais se destaca é a de soja, permitindo uma maior integração da região em relação à expansão da agricultura brasileira, no que tange ao fluxo comercial de máquinas, equipamentos, migratórios, etc.

A criação do PRODECER - Programa de Desenvolvimento dos Cerrados na Bahia – implantado na região dos cerrados brasileiros, através de investimentos japoneses, durante a década de oitenta, possibilitou a implantação do cooperativismo de forma empresarial.

A divisão social do trabalho caracteriza-se pela substituição de mão-de-obra permanente pela temporária. Há utilização do trabalho familiar, sendo que a mão-de-obra assalariada é utilizada durante o plantio e a colheita, épocas que demandam ampliação do número de trabalhadores.

Há necessidade de melhoria da oferta de serviços públicos para atendimento à população residente que cresce consideravelmente.

A produção de soja é desenvolvida de duas formas. A de sequeiro, que ocorre durante os períodos chuvosos, nos meses de outono a março; e a outra, que se utiliza da irrigação, apresentando, atualmente, um crescimento expressivo.

Com o crescimento rápido da base produtiva regional, além da crise fiscal e financeira ocorrida nas três esferas de governo durante os últimos anos, provocando uma

diminuição na capacidade de investir do setor público, promoveram o aparecimento de alguns pontos de estrangulamento na infra-estrutura econômica do oeste baiano no que tange a transporte, energia, telecomunicações e armazenagem, capazes de interferir no processo de desenvolvimento futuro da região.

A região dispõe de uma grande quantidade de estradas, mas enfrenta problemas de articulação entre os centros produtores agrícolas e os de distribuição intra e inter-regional, em função da precariedade de seu sistema viário e da carência de vias para o escoamento da produção. Este problema está sendo minimizado pelo Programa de Corredores Rodoviários, implementado pelo Governo do Estado da Bahia.

A construção da BR-020/242 foi responsável pela ligação com outras regiões, passando a integrar a região com o resto do país. São rodovias que necessitam de manutenção constante para reduzir os custos de transporte dos insumos e da produção. Há necessidade da criação de estradas vicinais que possam ser interligadas com essas rodovias para facilitar o escoamento da produção local.

A BR -242 é o principal elo de ligação entre o oeste e a região metropolitana, onde se encontram os principais portos de Salvador e Aratu.

A BR-135 é responsável pelo escoamento para importantes áreas produtoras da região oeste. A COACERAL (Cooperativa Agrícola dos Cerrados do Brasil Central Ltda) utiliza-se da conexão com o trecho BA-225, que também serve à área explorada pela COACERAL (Cooperativa Agrícola dos Cerrados do Brasil Central Ltda) e pelo projeto piloto do PRODECER II (Programa de Desenvolvimento dos Cerrados II), localizados no município de Formosa do Rio Preto. Proporciona também, através de conexão com a BR-020, a ligação de Brasília com o estado do Piauí, além de atender significativa zona produtora desse estado.

Pelo trecho da BR-135 é feito o escoamento da produção de calcário da jazida localizada em São Desidério, além de servir para distribuição da produção dos grandes

empreendimentos agrícolas situados próximos às localidades de Sítio Grande e Estiva, neste mesmo município.

O transporte fluvial ainda não é feito de modo adequado. São três os rios navegáveis no oeste da Bahia: O rio São Francisco, o rio Corrente, que se estende desde às proximidades de Santa Maria da Vitória até o rio São Francisco, percorrendo uma extensão de 155 Km, e o rio Grande, partindo de Barreiras, num percurso total de 331 Km. Os portos que existem na região não apresentam uma infra-estrutura adequada para cargas. Ainda são utilizados barcos individuais para transporte de pessoas e para escoamento da produção de alguns pequenos povoados situados às margens dos rios. Com isso, não há utilização da capacidade do transporte hidroviário que é de custo mais baixo.

Segundo alguns estudos a respeito da infra-estrutura do oeste baiano, existe oferta limitada no abastecimento de energia elétrica, atingindo a produção agropecuária, que se utiliza de irrigação, prejudicando a exploração de recursos mineral e industrial. A demanda da região é atendida principalmente pela usina hidrelétrica de Correntina, que apresenta capacidade máxima de produção.

O potencial hidrelétrico existente a ser explorado é significativo, necessitando de investimentos públicos e privados. Ainda existe carência de telefonia na região nas cidades e no meio rural. Precisa-se de investimentos maciços para atendimento à demanda atual.

Em se tratando de armazenamento, não existe ainda uma infra-estrutura voltada à integração dos sistemas de transportes para o escoamento da produção, baseando-se nos aspectos ligados à comercialização do produto. A capacidade de armazenamento tem crescido de acordo o crescimento da produção de soja.

A implantação do sistema de armazenagem feito pelas cooperativas e empresas foi planejado visando o atendimento da estocagem local sem levar em consideração o escoamento da produção. Com isso, ocasiona a venda para fora da região de grande

parte da colheita, provoca diminuição do poder de negociação dos produtores diante dos intermediários, além de não permitir que os produtores consigam preços mínimos diante das grandes flutuações de preços do produto no mercado.

3.2 PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL

As regiões novas de um estado ou de uma nação, por não disporem de um mercado interno de maior tamanho, tendem a se desenvolver a partir da formação de uma base de exportação destinada a outras regiões ou outros países. As possibilidades maiores de formação desta base estão ligadas, numa primeira etapa, à exploração de seus recursos naturais renováveis e não renováveis, partindo para uma diversificação de sua estrutura econômica, a partir de formas de especialização inter-regional em resposta a estímulos externos.

A ocupação inicial do oeste foi baseada na pecuária extensiva. O avanço da agricultura moderna conseguiu transformar a região substancialmente, o que vem a mudar o perfil populacional. O crescimento alcançado impõe uma série de medidas que tornem o uso racional de seus recursos ambientais.

A terra em grande oferta a baixos preços, bem como disponibilidade de mão-de-obra fazem com que haja uma grande quantidade de investimentos no oeste. Na região, precisam ser equacionados alguns problemas infra-estruturais em relação ao sistema de transporte e energia, o que resultará em custos operacionais compatíveis para o sistema produtivo, permitindo o escoamento da produção, transferência de insumos e tecnologia.

A incorporação dos cerrados à base produtiva regional permite que diversos segmentos da sociedade sejam atraídos, como produtores rurais, profissionais liberais, empresários e migrantes oriundos do sul e sudeste do país, ocasionando a formação de um mercado interno expressivo. As condições acima analisadas dificilmente são atendidas integral e articuladamente, de modo espontâneo, em qualquer região.

Para uma determinada região poder crescer depende de uma série de vantagens e desvantagens em relação à produção de mercadorias. O conceito de acessibilidade deve ser considerado como relevante em se tratando de reunir insumos e distribuir produtos. Os custos de transporte e comunicação são imperativos no que tange à análise dos custos de oportunidade em relação a outras regiões que apresentam algumas vantagens competitivas.

Um plano de desenvolvimento para a região oeste tornar-se mais competitiva precisa passar pela melhoria na infra-estrutura básica de serviços, com o objetivo de aumentar a oferta de serviços sociais, desenvolvimento de recursos humanos, etc.

As potencialidades do oeste baiano são amplas. Como existe no país necessidade de produção de alimentos, fibras naturais e energéticos de biomassa para atender ao crescimento populacional e poder atender as exportações, haverá um crescimento da demanda desses produtos.

A demanda agregada de alimentos, fibras e produtos energéticos, impulsiona os investimentos numa região situada na fronteira interna do país, que é definida como sendo a parte situada dentro da área permanentemente conquistada pela agricultura, possuidora de condições agronômicas favoráveis.

As possibilidades de desenvolvimento das potencialidades do oeste baiano são grandes, por se constituir numa região típica de fronteira interna do país, sendo que é necessário resolver alguns entraves, tais como: a) problemas de infra-estrutura; b) incompatibilidade no uso alternativo dos recursos hídricos; c) estoque especulativo de terras; e d) solos que exigem investimentos em calagem e fertilização.

O conhecimento minucioso acerca da base de recursos naturais de uma região é importante para se determinar o seu potencial de desenvolvimento. Daí em diante, tem-se condições suficientes para delimitação da exploração desses recursos e possibilidade de definição de programas de preservação ambiental, etc.

O oeste da Bahia apresenta bons recursos naturais, com terras adequadas para a agricultura moderna, localizadas em áreas que têm um clima propenso a certas culturas, sendo disponíveis seus recursos hídricos em termos de águas de superfície e/ou subterrâneas. Possui condições hidrográficas excelentes em relação a outras áreas do estado.

Apesar de possuir condições favoráveis à agricultura moderna, outros fatores são importantes para a viabilização econômica de qualquer projeto na região, a saber: custo de produção, custos de transporte, situação de mercado, políticas setoriais, tecnologia, etc. Os relatórios técnicos dão as informações necessárias visando a tomada de decisões sobre os investimentos.

A exploração econômica da região foi feita mediante a compatibilização entre os dados do mercado e o potencial de recursos naturais, sendo que só então houve o investimento forte por parte dos empresários. Isso implicou no crescimento das culturas de grãos, possibilitando a ampliação dos projetos da área cultivada, principalmente da soja de modo empresarial de produção, ao passo que absorvia o desenvolvimento tecnológico, resultando em expressivos aumentos de produtividade.

A modernização do setor agrícola foi impulsionado pela expansão inter-regional do capital industrial e financeiro de origem interna e externa, provocando todo o processo de desenvolvimento e de estruturação da regional

As novas atividades presentes na região permitem uma mudança nas relações sociais vigentes, ocasionando um maior poder aquisitivo para alguns segmentos da sociedade local, o que acarreta o acesso ao consumo, resultando numa ampliação e diversificação da demanda nas cidades.

Tanto a presença da agroindústria quanto a irrigação impulsionam a região. A verticalização da economia da região é possível em virtude da diversificação das culturas, permitindo uma melhor competitividade nos mercados interno e externo.

A cultura da soja, bem como o desenvolvimento das culturas graníferas têm provocado o surgimento de diversas localidades na região.

Isso é resultado da implantação de unidades agroindustriais e cooperativas, fazendo com que a população se concentre em torno das mesmas, destacando-se os municípios de Barreiras, Correntina e Formosa do Rio Preto.

Os investimentos ocorridos na região oeste provocam o aparecimento de novas demandas, que implicam na necessidade de a região passar a ofertar serviços agrícolas, como insumos e implementos agrícolas, serviços sociais básicos, além das necessidades infra-estruturais de armazenamento e transporte. Vários estabelecimentos, prestadores de serviços, já se instalaram em inúmeros centros regionais já desenvolvidos, sendo que a cidade de Barreiras, apresenta grandes vantagens no sentido de localização de mercado, principalmente a partir da implantação da planta industrial da CEVAL.

A partir da implantação do Programa Corredor de Transporte Oeste, houve uma melhor articulação entre algumas cidades, como Santa Maria da Vitória e Correntina, melhorando o fluxo de comércio e serviços regional.

3.3 AGRICULTURA GRANÍFERA

As atividades agrícolas de produção de grãos localiza-se na sub-região dos cerrados. Os principais municípios produtores são Barreiras, Santa Maria da Vitória, São Desidério e Correntina.

As culturas de arroz, feijão e milho têm uma produção expressiva na região. Os maiores produtores de milho são os municípios de São Desidério, Barreiras e Riachão das Neves, sendo responsáveis por cerca de 70% da produção da região.

A seguir, a evolução da produção de milho no estado da Bahia e na região oeste, bem como a produtividade de ambos:

TABELA 1 – Produção de milho em toneladas – Bahia e região oeste - 1993/95

Anos	ESTADO	RENDIMENTO MÉDIO (Kg/ha)	OESTE	RENDIMENTO MÉDIO (Kg/ha)
1993	526.982	1.668	353.536	4.624
1994	711.106	1.372	383.787	4.697
1995	675.352	1.500	476.390	4.647

FONTE: SEI

A produtividade da cultura do milho oscila bastante, tanto na produção estadual quanto na regional; entretanto, a região oeste apresenta produtividade maior em relação à do estado, com perspectivas de crescimento, podendo contribuir com uma redução nos custos de produção da avicultura, já que representa 60% do custo total de produção.

3.4 AGRICULTURA IRRIGADA

É substantivo o desenvolvimento da lavoura irrigada no oeste, sobretudo ao longo dos últimos anos. Isso veio a possibilitar numa elevada produtividade, produção estável, qualidade da produção com cerca de 2,5 milhões de cultivos/ha/ano.

A implantação do modelo de irrigação foi possível em virtude da grande oferta de terra e água, além de incentivos fiscais e creditícios destinados aos agricultores pelo Banco do Brasil e Banco do Nordeste.

A cidade de Barreiras deve consolidar-se como pólo agrícola, devido à potencialidade de exploração de 1,5 milhão de hectares em condições de ser absorvidos ao processo produtivo agrícola, sendo que são cultivados, segundo estimativas, apenas 10%. Existem dados indicando que os mananciais atuais têm possibilidade em atingir 96 mil hectares irrigados, levando-se em consideração um coeficiente de aproveitamento de 2,5 cultivos/ha/ano.

3.5 AGROINDÚSTRIA

É expressiva a capacidade de expansão do complexo agroindustrial brasileiro. O crescimento desse complexo está relacionado com a necessidade de produção a custos e qualidades competitivas diante da concorrência interna e externa.

A maioria do complexo agroindustrial situa-se sobretudo nos estados do sul e sudeste do país, por apresentarem vantagens competitivas em relação a outras regiões, devido à presença dos maiores mercados, proximidade aos portos exportadores, além de outros fatores logísticos.

Atualmente, tem havido um deslocamento das atividades voltadas à produção de soja, mudando o eixo de concentração das regiões sul e sudeste para o centro-oeste brasileiro, principalmente nos estados de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e Bahia, que vem apresentando condições propícias ao desenvolvimento dessa leguminosa e de outras culturas. A produção de milho e soja favorece a implantação da indústria de rações para suínos e aves, possibilitando um sistema de parceria na região.

A produção de soja vem alcançando altos índices de produtividade ao longo dos anos, sobretudo no oeste baiano, que apresenta rendimento médio superior ao do estado:

TABELA 2 – Produção de soja em toneladas – Bahia e região oeste - 1993/95

Anos	ESTADO	RENDIMENTO MÉDIO (Kg/ha)	OESTE	RENDIMENTO MÉDIO (Kg/ha)
1993	592.269	1.554	417.722	1.800
1994	873.384	2.012	645.827	2.168
1995	1.072.911	2.280	793.931	2.284

FONTE: SEI

A soja é um dos principais ingredientes na composição da ração para a avicultura. Com isso, a região pode oferecer boas condições no tocante ao custo da ração, haja vista a produtividade crescente dessa cultura.

4 A AVICULTURA NO BRASIL

O Brasil é considerado o maior produtor de frango de corte da América do Sul, chegando a ser o segundo no que tange à produção mundial, só ficando atrás dos Estados Unidos, líder no mercado. A relação exportação/produção nacional de frangos de corte está em torno de 12,5% destinada ao mercado externo, enquanto que a demanda interna situa-se na faixa de 87,5% da produção total. A avicultura foi a atividade que se destacou com mais expressão no mercado interno, alcançando um crescimento do consumo per capita dos seus derivados, sobretudo após a implantação do Plano Real em julho de 1994.

A produção brasileira de carne de frango tem conseguido avançar durante a década de 90, conforme a tabela a seguir:

TABELA 3 – Produção brasileira – carne de frango

ANO	PRODUÇÃO (EM MIL TONELADAS)	EXPORTAÇÕES (%)
1990	2.270	13,2
1991	2.520	12,8
1992	2.730	13,8
1993	3.140	13,8
1994	3.410	14,1
1995	4.050	10,7
1996	4.050	14,0
1997	4.460	14,6
1998	2.168 (1º Sem.)	13,3

FONTE: ANAB

Enquanto que as exportações passaram a sofrer restrições por parte dos Estados Unidos, que impõem barreiras à entrada do produto brasileiro. Apesar disso, as exportações brasileiras conseguiram, ao longo do tempo, menores oscilações nas vendas.

A tabela seguinte mostra o consumo per capita de carne de frango no Brasil, durante o período de 1994 a 1997:

TABELA 4 – Consumo per capita de frangos (Kg/hab) - Brasil

CARNES			
Anos	FRANGOS	BOVINOS	SUÍNOS
1994	19,1	35,0	8,0
1995	23,2	37,2	8,5
1996	22,1	37,3	9,0
1997	23,8	39,3	9,5

FONTE: ANAB

O consumo per capita de carne de frango tem aumentado consideravelmente a partir da implantação do Plano Real, no ano de 1994. No ano de 1995, a variação do consumo chegou a 21,47% em relação ao ano anterior; ao passo que o consumo per capita da carne bovina apresentou uma variação de 6,28%, enquanto que a carne de suínos situou-se em 6,25%, no mesmo período.

A Tabela 5 apresenta o consumo aparente no período de 1990 a 1994:

TABELA 5 - Consumo (aparente) brasileiro em mil toneladas

ANO	CONSUMO (EM MIL TONELADAS)	VARIACÃO (%)
1990	1.970,36	-
1991	2.197,44	11,52
1992	2.353,26	7,09
1993	2.706,68	15,01
1994	2.929,19	8,2
1995	3.616,65	23,47
1996	3.483,00	-3,69
1997	3.808,84	9,35
1998	1.879,65 *	

FONTE: ANAB

*1º semestre de 1998

O consumo aparente de carne de frango, durante o período analisado, passa por várias oscilações. Apresenta o maior índice, 23,47%, no ano de 1995, quando os produtores passaram a ofertar grande parte da produção ao mercado doméstico, reduzindo a quantidade exportada, em razão das restrições impostas pelo mercado americano ao produto nacional.

4.1 O MODELO CATARINENSE

O desenvolvimento agrícola do oeste do estado de Santa Catarina tem como base a produção, abate e processamento de suínos e aves, por meio da integração entre agroindústrias (privadas e cooperativas) e pequenos produtores rurais, utilizando áreas menores do que 30 hectares.

Trata-se de uma região que tem se notabilizado na produção agropecuária, possibilitando um aumento contínuo em sua participação no valor gerado no estado. O crescimento da produção animal é expressivo, fazendo com que a região apresentasse, no ano de 1993, uma produção de 225.000 toneladas de carne de suínos e 614.000 toneladas de carne de frango, o que corresponde a 85 e 93%, respectivamente, da produção total do estado para cada tipo de carne. Em 1993 havia na região cerca de 11 unidades industriais de suínos e 10 de aves, perfazendo um total de 25.000 funcionários .

Tentou-se implantar outras atividades agrícolas na região como forma alternativa de emprego e renda à população rural e urbana, a exemplo do cultivo de frutíferas para a produção de sucos, a bovinocultura de leite e a piscicultura. Estas atividades deveriam sofrer processamento pela agroindústria. A produção de suínos e aves apresenta desenvolvimento tecnológico em relação à bovinocultura de corte, apesar de importante e antiga.

O oeste catarinense ocupa cerca de 25% da superfície territorial e da população do estado, sendo que no ano de 1980, gerou algo em torno de 54,2% do valor da produção agropecuária estadual. Contudo, detinha apenas 13% do valor total da produção industrial, e 20% do valor gerado pelo setor terciário do estado. Em se tratando de

ocupação de mão-de-obra, 55% dedicava-se ao setor primário, 18% ao secundário e 27% ao terciário.

Em relação ao setor secundário, apesar da região representar apenas 13% no estado, destaca-se pela especialização na produção de alimentos, proporcionando, em 1980, cerca de 46% do valor estadual deste segmento. Isso é em virtude da industrialização de suínos e aves, fabricação de rações, farinhas e óleos vegetais derivados principalmente do milho e da soja. As indústrias têm uma grande participação dentro do estado, ao passo que já transferiram capital e “know how” (tecnologia) para outras regiões brasileiras, sobressaindo na produção de alimentos, notadamente no segmento de carnes e seus derivados no âmbito nacional.

Tanto a suinocultura quanto a avicultura possuem fortes relações intersetoriais e utilizam parcela significativa de insumos de origem industrial, fazendo parte do Complexo Agroindustrial (CAI). Existem várias definições para CAI, variando desde aquelas que consideram a “sucessão de atividades vinculadas à produção e transformação de produtos agropecuário e florestais”, até os que incluem ainda o setor de distribuição dos bens obtidos e transformados da agropecuária.

A articulação do setor produtivo com o setor de insumos e bens de capitais e o setor de processamento, viabiliza a mudança de sua base técnica, elemento fundamental para o processo de modernização; a integração técnica agricultura-indústria via cadeias agroindustrias, ou através da dependência tecnológica à indústria, constituindo a principal característica do processo de modernização.

Quando existe uma concentração agroindustrial numa região, cria-se uma pré-condição à expansão acentuada da produção agrícola, resultando numa especialização regional em virtude da presença da estrutura agroindustrial e dos serviços de infra-estrutura por ela requeridos.

4.2 UM HISTÓRICO DA AGROINDÚSTRIA NO OESTE DE SANTA CATARINA

O processo de colonização do oeste catarinense teve origem a partir do início deste século com a construção da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, cortando o estado e acompanhando o Rio do Peixe. Isto propiciou a formação de povoados de imigrantes gaúchos ao longo da ferrovia, somando-se aos já existentes às margens do Rio Uruguai. Mais ao oeste, a colonização começou a partir de 1920, com imigrantes das regiões coloniais mais antigas, também do rio Grande do Sul. Predominaram colonos de origem italiana e alemã e, em menor número, descendentes de poloneses.

Os trabalhadores dedicaram-se à produção de trigo, milho e suínos. O comércio de suínos vivos e banha foi estabelecido principalmente com o Rio Grande do Sul e São Paulo. O estado de Santa Catarina especializou-se continuamente na produção de suínos.

Durante a década de 40 foram fundados os três primeiros frigoríficos de suínos, todos no vale do Rio do Peixe, nas cidades de Videira, Joaçaba e Concórdia. A partir daí, iniciou-se a fase da industrialização de suínos, mesmo que parcial, sendo que os produtos principais eram a banha, a lingüiça e a carne salgada.

A partir da substituição da banha pelo óleo vegetal, no final da década de cinquenta, houve uma mudança na orientação da produção de suínos, que passa a buscar a produção de carne e não mais a de gordura. Esta tendência ainda perdura e a carne suína continua a ser matéria-prima para a elaboração de inúmeros produtos industrializados de maior valor agregado e com algum grau de diferenciação.

Com a mudança do tipo de produto demandado, que passa da banha para a carne, houve uma mudança também na tecnologia de produção. Deu-se, então, a introdução de animais de raças especializadas na produção de carnes, com novos padrões alimentares e de manejo. Durante a metade da década de cinquenta, teve início em Concórdia, os programas de estímulo à suinocultura, tendo por objetivo o incentivo ao uso de novas tecnologias de produção. Efetivamente, a integração surgiu na avicultura, no começo da década de sessenta, depois da visita de técnicos das indústrias catarinenses às criações

dos Estados Unidos. Este, determinou o desenvolvimento tecnológico da moderna avicultura, bem como a organização da produção sob a forma de integração indústria-produtores, sendo um modelo bastante difundido.

O modelo da integração, ao passo que possibilita a obtenção da matéria-prima em quantidade e qualidade adequadas por parte das agroindústrias, ainda permite o controle, produção e transferência, aos produtores rurais, de outros insumos importantes, tais como rações, concentrados, medicamentos, maquinarias e equipamentos, além da assistência técnica à produção.

4.3 A INTER-RELAÇÃO DE SUÍNOS E AVES COM O COMPLEXO AGROINDUSTRIAL

Como os complexos agroindustriais de suínos e aves usam intensivamente insumos modernos, tanto no que diz respeito a propriedade rural ou ao processamento industrial, há um efeito positivo e dinâmico em outros segmentos da economia.

Os insumos e os agentes que participam no processo produtivo dos animais estão representados pelo setor primário ou de produção. Um dos principais insumos é a assistência técnica, que está representada por técnicas de diferentes formações e níveis, como engenheiros agrônomos, médicos veterinários, técnicos de nível médio e outros.

A alimentação dos animais deve ser rica em energia, proteínas, vitaminas e minerais, o que demanda uma estrutura bem desenvolvida de produção de grãos, de concentrados protéicos e de rações, sendo que o milho e o farelo de soja são os ingredientes quantitativamente mais importantes na alimentação dos animais. A produção dos grãos, principalmente milho e soja, é realizada por produtores cooperativados.

Outros setores produtivos, como máquinas e equipamentos, indústria de insumos agrícolas, transporte e distribuição de produtos, reprodutores melhorados geneticamente, embalagens e outros, complementam a atividade de produção de aves e suínos .

O agribusiness é um dos maiores setores da economia mundial. Isto é em função da empregabilidade em torno de 50% de mão-de-obra, ocasionada pelos complexos agroindustriais, verdadeiros agentes de desenvolvimento.

Estima-se que cerca de 55% da população residente no meio rural foi mantida pelo modelo de integração adotado no estado de Santa Catarina. Há evidências de que as pequenas propriedades familiares, desde que possam estar bem articuladas com o mercado e haja a possibilidade de desenvolvimento de atividades de alta densidade econômica, possuem condições favoráveis à manutenção das famílias no meio rural, o que resulta em melhores alternativas de vida.

4.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A AVICULTURA BAIANA

Atualmente, a avicultura baiana produz 15% da sua demanda. A necessidade de capital é grande, tanto em investimentos quanto em giro. As rações chegam a 80% dos custos totais de engorda de frangos, sendo que os componentes energéticos (milho) atingem 40 a 50%, enquanto os protéicos (farelo de soja) de 20 a 30%. Com isso, é preciso ter escala de produção para diminuir os custos unitários. Na Bahia, os produtores estão isolados, o que implica em desempenhar praticamente todas as etapas do processo produtivo, dependendo de atravessadores para a comercialização dos produtos, destinando-os à fatia do mercado que os consome in natura. A produção de frangos concentra-se, basicamente, nos municípios de Conceição da Feira e Feira de Santana. Recentemente, a Bahia tem conseguido resultados satisfatórios em relação ao manejo dos plantéis, principalmente no tocante à permanência das aves no galpão, em torno de 45 dias e dos índices de conversão média de 2,3 Kg de ração por 1 Kg de carne, sendo que os avicultores dotados de melhor infra-estrutura obtêm conversões de até 2,07 Kg.

A implantação do sistema integrado de produção na avicultura baiana pode possibilitar um crescimento da produção local. Os efeitos positivos relacionam-se ao abastecimento interno ou exportação, além de dinamizar todo o processo

produtivo, ocasionando um melhor aproveitamento da propriedade rural através de um incremento na renda dos produtores e criação de empregos no interior do complexo agroindustrial. O mercado é altamente promissor, comportando investimentos avícolas, visto que a produção de frangos atualmente atende uma pequena parcela da demanda.

A região oeste da Bahia possui agroindústria processadora de insumos básicos, responsáveis pela maior parte dos custos operacionais da avicultura. Claro que para isso, deve-se levar em consideração, não só as condições climáticas ou de solo, mas, também, uma racionalidade no uso dos recursos ambientais, além de poder congrega um grande número de produtores rurais de modo a lhes garantir retorno econômico. Os custos na produção dos componentes da ração (milho e soja) e o manejo dos aviários precisam ser compatíveis com os de mercado a fim de ter-se viabilidade econômica.

Para haver um desenvolvimento do setor avícola local é necessário a criação de condições no sentido de reduzir os custos de produção com relação a insumos (rações, pintos e ovos), além da implantação de melhorias da estruturas sanitárias, manejo dos plantéis e, fundamentalmente, haver escala de produção.

A avicultura necessita de intensidade tecnológica visando a obtenção de matrizes e reprodutores de excelentes características com elevados potenciais genéticos, além de ter-se produção de rações balanceadas de acordo às fases de desenvolvimento das aves, até as práticas de manejo de instalações e plantéis. Com isso, pode-se ter uma especialização da produção. A partir daí começam a surgir empresas especializadas na produção de matrizes e reprodutores, outras na produção de rações, outras na produção de pintos de um dia, deixando a etapa de engorda para produtores isolados, devido à demanda de maior espaço físico.

Como o estado da Bahia é pequeno produtor de aves, importando ovos, pintos de um dia, frangos congelados, visando atender a parte do consumo, há necessidade de organização de produtores. Os produtores locais desempenham quase todas as etapas do

processo produtivo, dependendo de atravessadores para a comercialização de seus produtos. Para isso, é função da agroindústria organizar e absorver a produção, procurando facilitar a comercialização.

4.5 PRODUÇÃO

A ração é o componente mais representativo na formação dos custos da avicultura, representando cerca de 70%. Compõe-se basicamente de sal, farinha de carne, milho, soja, calcáreo calcítico, glutenose e premix, sendo que os quatro últimos vêm de outros estados. Atualmente, os médios e grandes produtores avícolas produzem ração para atender suas necessidades, reduzindo consideravelmente os custos de produção.

A produção de pintos de um dia representa um dos entraves ao desenvolvimento da avicultura local, em virtude da baixa oferta em relação à demanda. Com isso, torna-se necessário haver importação de grandes produtores situados nas regiões sul e sudeste do Brasil. Isso vem a resultar numa produção em torno de 11,54% da demanda estadual, sendo que o custo de um pinto representa cerca de 24% do custo total da produção avícola.

A produção de frangos de corte na Bahia concentra-se principalmente nas regiões econômicas do Paraguaçu, de modo que os principais municípios produtores são Conceição da Feira e Feira de Santana, destacando-se dos demais.

A tabela a seguir mostra a oferta estadual, bem como as regiões do Paraguaçu (maior produtora) e a região oeste:

TABELA 6 – Efetivo de aves do estado da Bahia – período 1993/95

Anos	ESTADO	REGIÃO DO PARAGUAÇU	OESTE
1993	26.785.507	3.371.198	806.269
1994	28.227.443	4.281.960	770.095

1995	29.559.754	4.390.444	824.206
------	------------	-----------	---------

FONTE: SEI

A região do Paraguaçu detém, ao longo do período analisado, uma produção média em cerca de 14,1% da produção total do estado; enquanto que a região oeste apresenta, no mesmo período, uma oferta (média) de 2,84%. Isto é em razão da concentração de avicultores nos municípios de Conceição da Feira e Feira de Santana, principais produtores da região.

4.6 COMERCIALIZAÇÃO

A principal característica da avicultura baiana é a comercialização de frangos em pé, acondicionados em gaiolas, sendo destinados aos centros consumidores que apresentam maior concentração populacional, como Salvador, Feira de Santana, Itabuna e todas as cidades situadas no recôncavo e região metropolitana da capital. Como existe uma pequena escala produtiva, tona-se inviável economicamente a implantação de unidades de abate. Os frangos são abatidos de modo considerado já ultrapassado, pelos funis, em ambientes sem boas condições sanitárias, o que ocasiona um produto final de baixa qualidade.

4.7 CONDIÇÕES SANITÁRIAS

Os aspectos sanitários significam, na avicultura, em virtude de apresentar curtíssimo prazo para terminação, cerca de 45 dias, ponto crucial para o pleno êxito da atividade. O estado da Bahia carece de oferta de serviços para atendimento aos avicultores, tanto no setor público quanto no privado, acarretando necessidade da utilização de serviços de

laboratórios localizados fora do estado. Os grandes produtores conseguem acesso a esses serviços por possuírem condições financeiras para arcar com esse custo.

Para a avicultura baiana alcançar um resultado mais expressivo é preciso manter uma oferta regular de grãos, criando preços competitivos em relação a outros estados produtores, principalmente com o estado de Goiás, suprir a oferta de pintos de um dia, que são importados, melhoria das condições sanitárias e possibilidade de se utilizar laboratórios com intuito de detectar e combater doenças, que atacam as aves, além de tentar viabilizar uma integração entre produtores e agroindústria. Para isso, deve-se criar mecanismos capazes de promover investimentos na produção de grãos, pintos e ovos, treinar mão-de-obra especializada, implantar laboratórios dotados de condições técnicas para atendimento aos produtores, e haver infra-estrutura para processamento e transporte de grãos, possibilitando acesso aos principais centros consumidores.

O Estado da Bahia tem atraído nos últimos anos várias empresas de diversos segmentos produtivos. A empresa AVIPAL S/A, produtora de frangos e suínos, está em fase de implantação de um complexo industrial de proteína animal, uma unidade de armazenagem de grãos e fábrica de rações, nos municípios de São Gonçalo dos Campos e Feira de Santana. A produção deverá atender os mercados do nordeste e norte do país. Será utilizada mão-de-obra local, além da formação de parcerias com pequenos e médios produtores rurais, sendo os insumos adquiridos na própria região.

A Avipal foi fundada em 1959, possuindo um total de 6.555 funcionários diretos, apresentando cerca de 40.000 criadores – produtores integrados e 15.000 clientes. Seu patrimônio está estimado em R\$ 400 milhões, com ativos totais em R\$ 1 Bilhão. Atualmente a empresa detém 4,53% da produção de carnes.

Na primeira fase, os investimentos fixos estão estimados em cerca de R\$ 10 milhões, com a construção de duas granjas próprias de matrizes e uma para postura; aquisição de 770 hectares de terra; terraplanagem dos terrenos; construção de estradas de ligação; casa de funcionários, rede hidráulica/elétrica, poços artesianos, depósitos e escritórios; importação de equipamentos: aspersores, comedouros, bebedouros e gaiolas.

O primeiro módulo dos investimentos, com previsão de R\$ 50 milhões mais o capital de giro, está em andamento, sendo que o término deveria ser ao final do ano de 1999. Constitui-se de alojamento de 600 pintos / semana; 450 unidades de granjas em parceria com produtores rurais locais; capacidade de abate de 100.000 frangos/dia; produção de 360 mil ovos/dia; consumo de 12.000 ton/mês; e mão-de-obra direta: cerca de 860 pessoas.

5 CONCLUSÃO

A implantação do sistema integrado de produção permite à agroindústria o atendimento de um mercado que demanda produtos mais elaborados. As experiências de integração entre agropecuária e indústria têm mostrado a possibilidade de haver um incremento na renda dos produtores rurais, que geralmente estão dedicados a uma atividade com pouca densidade econômica e baixa produtividade. Deve-se levar em consideração o papel fundamental no processo de modernização e na diminuição dos custos de todos os segmentos do complexo agroindustrial.

Com a integração tem-se uma certeza em relação ao fornecimento de matéria-prima, insumos, quantitativa e qualitativamente mais elaborados, pois há possibilidade de produção dentro da própria estrutura da empresa. O processo tecnológico adotado pela agroindústria é direcionado ao integrado sob a forma de assistência técnica, rações elaboradas, matrizes, etc, além da garantia de que a produção chegará ao mercado consumidor a preços que o produtor possa auferir um bom rendimento.

O consumidor final beneficia-se do processo quando há aumento de oferta do produto, pagando preços menores em relação às carnes de boi e porco, além de poder ter acesso a um produto de melhor qualidade.

Para o produtor significa uma forma alternativa, haja vista que nas transações de mercado, ele não consegue auferir um bom rendimento já que fica à mercê de atravessadores e ao sistema de comercialização agrícola vigente. Significa, para o produtor rural, um rendimento constante ao longo do ano pela possibilidade de aproveitamento da venda dos sub-produtos, a exemplo de esterco e chorume para a alimentação bovina e adubação, além de poder alcançar mercados alternativos em épocas de baixa de preços, devido à força da integração. Além disso, faz-se necessário que os produtores rurais acompanhem as inovações tecnológicas para não ficar à margem do mercado.

A presença da agroindústria possibilita a fixação do homem ao campo, porque o produtor consegue ter uma renda mais uniforme, com acesso à assistência técnica, crédito, infra-estrutura produtiva, etc. A agroindústria é um fator preponderante para prover meios aos produtores rurais, que não conseguem ter um rendimento constante sobre a propriedade rural, em razão de fatores climáticos, falta de assistência técnica, e também, por não poderem se desvencilhar do sistema em que recebem cada vez menos pelo seus produtos.

A região oeste apresenta condições climáticas favoráveis à implantação da avicultura, com inverno e verão menos rigorosos, amplitude térmica e umidade menores, além da presença da agroindústria que se utiliza dos insumos necessários à produção avícola. Tanto a produção de milho quanto a de soja apresentam índices de produtividade crescentes, possibilitando custos compatíveis à avicultura. O mercado é favorável, tanto no que diz respeito ao consumo de frangos quanto ao de ovos. A demanda estadual por carne de frango é significativa, haja vista o interesse demonstrado por agroindústrias a exemplo da AVIPAL, que já está investindo na instalação de uma unidade produtiva, com o objetivo de se produzir frangos utilizando-se da integração com produtores locais.

Para que no oeste baiano possa haver a implantação do sistema integrado de produção é necessário criar condições infra-estruturais (externalidades econômicas) no que concerne ao sistema viário – que está sendo ampliado pelo Programa de Corredores Rodoviários -, telecomunicações, armazenagem, etc, já que existe agroindústria processadora de grãos. Também é preciso haver uma maior congregação dos produtores rurais, a fim de ter-se a parceria com a agroindústria. Como a empresa CEVAL já está presente na região, torna-se necessário uma participação do governo estadual no sentido de estimular a parceria com os produtores locais, por meio de incentivos fiscais, a exemplo do PROBAHIA, que permite diferimento do ICMS para rações, concentrados e suplementos, financiamento subsidiado para as agroindústrias, etc.

É de suma importância que se promovam ações capazes de garantir a permanência do homem no campo. A adoção do sistema integrado, visando unir capital e trabalho pode ser uma forma de atender aos anseios da população rural.

O estado da Bahia tem recebido investimentos em vários setores, a exemplo de indústrias de calçados, que se instalaram no município de Itapetinga, empresas de informática, em Ilhéus, além da implantação de um projeto de integração nos municípios de São Gonçalo dos Campos e Feira de Santana. Contudo, necessita de uma política de investimentos no oeste, visando atrair empresas que possam utilizar as potencialidades que a região oferece, a fim de promover o desenvolvimento e geração de emprego e renda .

Um importante passo para dinamizar ainda mais a região oeste será dado com a implantação da hidrovia do rio São Francisco, desde Ibotirama até Juazeiro, que possibilitará o escoamento da produção local para os mercados interno e externo, reduzindo, sobretudo, os custos de transporte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABC LUCRA integrando campo à fábrica. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 07 fev. 1996, p. B-16.

A FORÇA do Sistema Integrado. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, ago.1994, p. 23

ANUÁRIO Estatístico do Estado da Bahia – V.1, 1972 – Salvador: **SEI**, 1995.

ANUÁRIO Estatístico do Estado da Bahia – V.1, 1972 – Salvador: **SEI**, 1996.

ANUÁRIO Estatístico do Estado da Bahia – V.1, 1972 – Salvador: **SEI**, 1997.

BAHIA. Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo. **Avicultura na Bahia**: Principais Problemas.. 1992

BAHIA. Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo. **Organização de Produtores de aves e suínos**. 1992.

Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional - CAR (BA). **Política do desenvolvimento regional para a Região Oeste da Bahia** .1993.

Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional - CAR (BA). **Projeto**: “pelos caminhos do Oeste”. dez. 1994.

FALTAM estradas e energia para Bahia usar produção integrada. **A Tarde**, Salvador, 15 jun.1995. Caderno A Tarde Rural, p. 12.

FERGUSON, C. E. **Microeconomia**. 19ª ed. Forense Universitária, 1996.

INSUMO sobe mais que IPR., **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03 set.1995.

LAUSCHNER, Roque. **Agribusiness, cooperativa e produtor rural**. São Leopoldo: Unissinos, 1993. 296 p.

MARQUES, Pedro V. **Economia da integração vertical na avicultura de corte do estado de São Paulo**, 1991.

MINISTRO diz que são francisco será eixo de desenvolvimento. **A Tarde**, Salvador, ago.1998. p. 06.

OS COMPLEXOS agroindustriais da carne e o desenvolvimento do Oeste catarinense. **Revista de Política Agrícola**, Ano 3, n. 02, abr./jun.1994.

O SISTEMA de integração. **Revista Nacional de Carne**, nov.1994. p. 45.

POSSAS, Mário Luiz. **Estruturas de mercado em oligopólio**, São Paulo,1990.

PREVISÃO de safras agrícolas na Bahia – nov.1995. **Conjuntura e Planejamento**,
Salvador, SEI n. 20, jan.1996. p. 17